Manifesto Dia da Visibilidade Trans

Saímos à rua neste **dia 31 de março para assinalar o Dia da Visibilidade Trans**. Convidamos todes a juntarem-se à 2ª marcha pela visibilidade trans em Lisboa, tendo como ponto de encontro a Alameda, às 17.30h, de onde partiremos em direção ao Rossio.

Neste dia unimo-nos em comunidade, em luta por uma vida boa e digna para todas as pessoas trans. Saímos em combate ao sistema socioeconómico que coloca obstáculos entre nós, pessoas trans e não-binários, e tudo aquilo que precisamos e queremos para viver e viver bem. Saímos à rua para que sejam visíveis as violências e vulnerabilidades estruturais às quais somos sujeites, que denunciamos e combatemos.

Combater a transfobia passa pela compreensão de que não somos iguais, não temos os mesmos corpos, sonhos e necessidades. Não falamos a uma só voz. Combater a transfobia é lutar contra uma sociedade profundamente racista e xenófoba, herdeira de séculos de colonialismo, cujas estruturas e vícios ainda hoje reinam, fazendo acrescer os obstáculos e violências sofridas por pessoas trans racializadas e imigrantes. Lutar por vidas trans passa necessariamente por compreender como o racismo institucional se coloca entre pessoas racializadas e a sua possibilidade de viver. Lutar por vidas trans é lutar contra a ideia de que o corpo trans é um corpo branco, compreendendo que o critério de acesso ou não acesso é, sistematicamente, um critério racial. Esta é uma luta para que possamos viver vidas que nos realizam, em dignidade. **Porque é e sempre foi urgente a luta pelo direito a viver e estar em condições, nos unimos, contra as condições de pobreza às quais condenam pessoas trans racializadas e imigrantes.**

O problema da invisibilidade passa pelo silenciamento das nossas realidades, necessidades e desejos. Invisibilidade é existir num plano em que não somos sujeitos que se auto-determinam. Pelo contrário, as nossas experiências estão sempre sob análise, experimento, opinião. Sempre sobre nós, mas sempre sem nós, são escritas interpretações, teses, relatórios médicos, peças de teatro, leis. Lutamos para que o que há a decidir sobre nós, seja por nós decidido. Contra a pintura deste retrato uno, um de que as nossas necessidades serão para todes as mesmas, caprichosas, e pervertidas, resultado de uma patologia. Lutamos pelo acesso à palavra e contra o silenciamento, lutamos pelo reconhecimento das nossas demandas básicas como reais e urgentes - desde o acesso à habitação, documentação, ao trabalho, à saúde, à segurança e ao afeto. Num país precário que ainda não saiu do armário, pessoas trans e não-binárias presentes!

É urgente um SNS que consiga estabelecer, por todo o país, os serviços necessários ao bem-estar de pessoas trans. Lutamos por acompanhamento que não feche as portas a pessoas não-binárias, pessoas racializadas, pessoas migrantes, pessoas não documentadas. Lutamos pela descentralização de todos os cuidados necessários à saúde de pessoas trans. Lutamos, também, para que a investigação cientifica em certas áreas da saúde produza dados sobre as pessoas trans, que faltam sistematicamente ao apelo

nos ensaios clínicos e nos relatórios anuais sobre a epidemiologia de VIH em Portugal. Lutamos para que os espaços comunitários que apoiam a saúde sexual das pessoas trans possam erogar gratuitamente a PrEP, reconhecendo a particular vulnerabilidade da comunidade trans perante a epidemia de VIH e, ao mesmo tempo, a sua acrescida dificuldade em aceder aos serviços de prevenção que a inviabiliza e discrimina. Se apanhar VIH já é considerado o resultado de uma conduta "imoral" e "promiscua", a violência desse pensamento continua a afetar desproporcionalmente as pessoas trans/não-binárias/utilizadoras de substâncias, ameaçando as suas vidas e a sua narrativa.

Desesperamos numa lista interminável para uma consulta que não chega, para acesso a hormonas que adiam, para acesso a psicoterapia que nos negam, para cirurgias que também nunca chegam, que privatizam e nos endividam. Visibilizamos e condenamos a constante humilhação, burocracia infinita e abandono que sofremos no sistema de saúde português - um sistema que não consegue dar resposta, vítima de um sub-investimento crónico e injustificável.

Exigimos autodeterminação, e exigimos um serviço de saúde que não nos trate como portadores de uma patologia ou anormalidade, mas o que encontramos é um sistema médico que nos procura moldar, cisnormativizar, que quer 're-integrar' o corpo 'desobediente' no funcionamento normal e não perturbado das coisas, para que possamos produzir sem entraves e em conformidade.

Precisamos de um SNS que consiga responder às necessidades de apoio psicológico da nossa comunidade - necessidade que advém da degradação da nossa saúde mental por sermos expostes a violências, precariedades constantes.Exigimos acesso ao direito básico que é a saúde, a autodeterminação e autonomia corporal.

Denunciamos a descriminação social e a violência serofóbica que se prepetuam, nos acesso a cuidados de saúde, à educação, ao emprego, e pedimos à comunidade LGBTQIAP+ que não esqueça a presença -interseccionalmente relevante- do VIH como fator que afeta outras áreas do nosso bem-estar psicossocial, como, por exemplo, o acesso a seguros e empréstimos. Exigimos que a visibilidade das pessoas com VIH na nossa comunidade deixe de ser algo que necessita de heroismo,tornando-se assunto coletivo, e que a narrativa sobre os nossos corpos não seja invisibilizada ou esquecida e não nos torne alvo de ulterior violência.

Saímos à rua pois a inexistência legal de pessoas não-binárias é uma manifestação brutal da invisibilidade que persiste, e não pode persistir. **Existimos contra a imposição violenta de uma escolha binária – entre quem existe e quem não existe. Existimos, independentemente desses marcadores de género. Reclamamos o reconhecimento social, legal e jurídico de todas as pessoas não- binárias e o fim do policiamento do género, com retirada do marcador de género dos documentos de identificação**.

Ainda, a segurança e auto-determinação das crianças trans continua em suspenso enquanto não se legislar devidamente o buraco deixado em 2021 pela anulação dos artigos 1º e 3º do

despacho que vinha garantir os primeiros passos na direção de uma escola que inclui a diversidade que nos representa. Exigimos que ouçam a variedade e diversidade das nossas vozes e necessidades quando legislam sobre as nossas vidas. Agora que nos vêm, ouçam-nos! Questionamos também o conceito de auto-determinação apresentado nas propostas de lei até à data, em que o consentimento expresso dos encarregados de educação é sempre mais valorizado do que o bem-estar e auto-determinação das crianças e jovens. Se os encarregados de educação e representantes legais é que determinam, então não é auto-determinação!

Esta é uma luta contra a invisibilidade das violências que sofremos. As violências e vulnerabilidades de que falamos são reais e materiais. Passam pela exclusão das pessoas trans no acesso ao trabalho e a um rendimento que nos permita subsistir, viver, sonhar com algo mais. Como construir uma vida se somos excluídes de acesso a condições básicas à sobrevivência?

Denunciamos as constantes tentativas de criminalização do trabalho sexual, que só pioram o acesso a condições de vida e direitos des trabalhadoris do sexo. É urgente descriminalizar o trabalho sexual e reconhecer os direitos sociais laborais e políticos des trabalhoris do sexo e mais uma vez exigimos ser ouvides quando legislam sobre as nossas vidas. Nada sobre nós sem nós!

A luta por vidas trans é uma luta anticapitalista, por direitos laborais, pela dignificação no acesso ao trabalho, por melhores salários, por ter um contrato, pela valorização e remuneração do trabalho artístico, pela proteção legal e concreta de pessoas trans contra a discriminação laboral.

Condenamos a precariedade como a normalidade portuguesa, condenamos o estado do não-acesso à habitação em Portugal. Condenamos um dia-a-dia de, desproteção, subída desregulada de rendas e despejos abusivos, que de um dia para o outro, com a mão dada pelas forças policiais, desalojam quem não tem para onde mais ir.

Condenamos um mercado desregulado e alucinado, entregue à vontade dos senhorios e do poder político que tanto ganha com a gentrificação, e com o empurrar das populações mais vulneráveis e pobres para fora dos locais onde vivem.

Sabemos que, enquanto pessoas trans, a desproteção que vivemos relativa à habitação é acentuada. Sabemos que a subida dos preços das rendas, da comida, do básico intensificam a pressão nas populações mais vulneráveis - por não termos, cronicamente, acesso ao emprego, ou por este não acompanhar a súbida do custo de vida. Saímos à rua por acesso a habitação digna, pois sem ela ninguém pode viver.

Reivindicamos a melhoria imediata das nossas condições materiais. Os graves níveis de violência à qual estamos expostes nas ruas, escolas, locais de trabalho ou mesmo em casa continuam a ser silenciados, significando o total desprezo pelas nossas vidas. **Jovens trans continuam a perder as suas vidas devido ao bullying e agressão que sofrem nas escolas e**

em todo o lado. Combater a transfobia é uma questão de vida ou de morte, e estão a escolher deixar-nos morrer. Sonhamos e lutamos por um futuro livre de violência e precariedade.

Neste dia vizibilizamos as lacunas, incumprimentos e violências assassinas de um estado que nos mantém sem condições dignas para viver, sob violência e em escassez, por todo o país. *O dia da visibilidade trans existe para que não nos deixemos enganar, nos juntamos porque coletivamente vemos, sabemos, quais as escolhas políticas que são tomadas todos os dias e ao nosso redor. Mais uma vez, por agora a escolha continua a ser deixar-nos morrer.*

Nas grandes e pequenas cidades, nas zonas rurais, nas periferias, em todo o lado existimos. Em todo o lado é urgente a resposta e cuidado para que possamos ter perspetivas para a nossa vida. Isto passa também pela existência de condições afetivas para viver. A comunidade trans, através da exclusão sistémica que sofre no acesso a tudo, acaba por muitas vezes encontrar o isolamento e solidão como norma. Este aspeto é notório em pessoas trans mais velhas, tantas vezes empurradas para a invisibilidade e silêncio. Lutamos por uma comunidade com mais pontes, lutamos para que ninguém esteja sozinhe, qualquer seja a sua idade.

Somos e estamos em todos os lugares, temos potência, qualidades, talentos. Sonhamos poder concretizá-los. Seguimos numa luta diária pela defesa de todas as vidas e vivências trans, múltiplas e únicas. Isto significa combater sempre o capacitismo, racismo, xenofobia,serofobia, sexismo e todas as formas de opressão que fazem acrescer tanta violência à vida de pessoas trans. As nossas vidas não são ilegais, os nossos corpos não são descartáveis. Somos pessoas trans, todas, inteiras, dignas, diferentes, não binárias, não conformadas, hormonizadas, não hormonizadas, sempre conformes e disformes.

Lá estaremos, dia 31 de Março, às 17.30h na Alameda. Vamos terminar numa concentração onde haverá espaço de microfone aberto e performances. Contamos contigo!